



A entrevista que a máquina (quase) escreveu: sucesso e fracasso na fronteira entre humano e inteligência artificial ^{1 2}

Letícia Carvalho VELOSO Viana³

Iasmin Feitosa Vitorino SERAFIM⁴

Alfredo José LOPES COSTA⁵

Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás – FIC/UFG

Resumo

Este resumo expandido analisa o uso de ferramentas de Inteligência Artificial (IA) generativa na produção jornalística. O objetivo foi investigar o desempenho de plataforma de inteligência artificial (IA) como ChatGPT e DeepSeek na elaboração de uma reportagem pingue-pongue com base em entrevista concedida a uma estudante de Jornalismo. A comparação entre os textos gerados por IA e o texto produzido por uma estudante humana permitiu identificar padrões de sucesso técnico e de fracasso narrativo, revelando os limites da escrita automatizada na comunicação científica.

Palavras-chave: Jornalismo e inteligência artificial; produção automatizada; ética; comunicação da ciência; inovação tecnológica.

1. Introdução

A incorporação de *softwares* de Inteligência Artificial (IA) nos processos jornalísticos tem se intensificado recentemente, provocando significativas

¹ Comunicação Científica apresentada no GT Pesquisa na Graduação, no III Encontro de Ensino de Jornalismo das Regiões Norte e Centro-Oeste (Erejour Norte e Centro-Oeste).

² Trabalho desenvolvido como atividade final da disciplina Jornalismo e Inteligência Artificial, ofertada pelo curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (FIC/UFG), em 2025.

³ Estudante de Jornalismo na FIC/UFG. E-mail: leticia_veloso@discente.ufg.br.

⁴ Estudante de Jornalismo na FIC/UFG. E-mail: iasminserafim@discente.ufg.br.

⁵ Doutor em Estudos de Cultura Contemporânea (PPGECCO/UFMT), orientador do trabalho, professor adjunto do curso de Jornalismo da FIC/UFG, membro dos grupos de pesquisa em Comunicação e Cidade - Interfaces Interdisciplinares (Citicom/UFMT), Nodus: Mediação, Informação, Jornalismo (FIC/UFG) e em Ciberjornalismo (Ciberjor/UFMS). E-mail: alfredo.costa@ufg.br.



transformações nas rotinas produtivas, nos valores éticos e nas relações de trabalho. Em diferentes contextos, a IA aparece ora como promessa de eficiência e inovação, ora como ameaça à qualidade, à credibilidade do Jornalismo e à manutenção dos empregos. Neste trabalho, parte-se da observação de um caso concreto: a produção de uma entrevista jornalística com auxílio de IAs generativas, a partir de uma pauta sobre comunicação da ciência.

A experiência permite refletir sobre os limites da escrita automatizada na comunicação da ciência, campo em que a precisão e a responsabilidade informativa são fundamentais. Busca-se compreender, portanto, até que ponto a IA pode ser considerada uma aliada na produção jornalística e em que medida ela representa um risco de empobrecimento narrativo e ético.

2. Metodologia

A abordagem da pesquisa é qualitativa e exploratória. A coleta de dados abrangeu a produção de entrevista estruturada a partir de uma pauta sobre comunicação científica, realizada inicialmente por uma estudante do curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (FIC/UFG). O mesmo roteiro foi posteriormente utilizado para gerar respostas automáticas nas ferramentas ChatGPT e DeepSeek, permitindo a comparação entre os textos resultantes. A análise considerou os critérios de clareza, coerência, precisão informativa e estilo jornalístico, conforme parâmetros de qualidade editorial definidos por Kovach e Rosenstiel (2004).

O trabalho foi acompanhado por docentes do Projeto de Extensão Pátio da Ciência, da Universidade Federal de Goiás (UFG) e desenvolvido no contexto da disciplina Jornalismo e Inteligência Artificial, ministrada no curso de Jornalismo da FIC/UFG.



O mesmo roteiro foi posteriormente utilizado para gerar respostas automáticas nas ferramentas ChatGPT e DeepSeek, permitindo a comparação entre os textos resultantes.

A análise comparativa considerou critérios de clareza, coerência, precisão informativa e estilo jornalístico, conforme parâmetros de qualidade editorial definidos por Kovach e Rosenstiel (2004). A pesquisa foi acompanhada por docentes do Projeto de Extensão Pátio da Ciência, da Universidade Federal de Goiás (UFG)⁶ e desenvolvida no contexto da disciplina Jornalismo e Inteligência Artificial, oferecida no curso de Jornalismo da FIC/UFG.

3. Resultados

Os resultados evidenciam um contraste significativo entre a produção automatizada e o texto humano. As reportagens geradas por IA apresentaram boa estrutura formal e coesão linguística, mas careceram de profundidade interpretativa e sensibilidade narrativa. Em vários trechos, as respostas da IA reproduziram padrões genéricos, demonstrando dependência do treinamento algorítmico e limitação quanto ao contexto cultural e científico abordado.

Por outro lado, o texto produzido pela estudante destacou-se pela capacidade de contextualizar o tema, humanizar a fala do entrevistado e estabelecer uma linha narrativa coerente com os princípios do jornalismo científico. Essa diferença reforça a importância do olhar humano como mediador entre a informação técnica e a compreensão pública da ciência.

⁶ “O Pátio da Ciência da Universidade Federal de Goiás é um espaço dedicado à difusão e divulgação científica que visa proporcionar à população e aos estudantes um ambiente de educação científica não formal. Iniciado como atividade de extensão, o Pátio da Ciência hoje é um projeto que reúne diversas unidades da Universidade e atua ao lado de outros projetos para a divulgação científica e atendimento do público externo à comunidade universitária” Fonte: Pátio da Ciência. Disponível em: < <https://patiodaciencia.ufg.br/n/sobre>>. Acesso em 04 out. 2025.



4. Discussão

A análise do caso revela que o uso da IA no jornalismo pode ser simultaneamente um sucesso técnico e um fracasso narrativo. O sucesso manifesta-se na agilidade e na consistência sintática dos textos gerados; o fracasso, na ausência de interpretação crítica, empatia e compreensão contextual. Essa ambiguidade se alinha à reflexão de Canavilhas (2023), que aponta que as IAs são eficientes em replicar formatos, mas ineficazes em compreender nuances humanas.

Como observa Saad (2022), a incorporação de sistemas algorítmicos às rotinas produtivas exige uma reconfiguração da cultura profissional, na qual o jornalista passa a atuar também como curador e mediador das informações geradas por máquinas. Essa função curatorial, mais interpretativa do que reprodutiva, reforça a necessidade de uma formação crítica que ultrapasse o domínio técnico e alcance o entendimento dos processos de produção da notícia.

O experimento também permitiu observar que a IA reproduz vieses culturais e discursivos de suas bases de treinamento, o que pode comprometer a diversidade informativa e a pluralidade de vozes. Segundo Leite (2023), os sistemas generativos carregam valores culturais implícitos de seu *dataset* (aprendizado de máquina), o que implica uma ética da responsabilidade ampliada para quem os utiliza profissionalmente. Assim, ainda que as máquinas possam “escrever” textos jornalísticos, continuam dependentes de curadoria humana para assegurar ética, precisão e responsabilidade social.

Napoli (2019) lembra que o jornalismo automatizado, ao delegar funções cognitivas às máquinas, tende a reforçar modelos de produção baseados em métricas e previsibilidade, o que reduz o espaço da criatividade e da crítica. Essa lógica algorítmica entra em conflito com a natureza interpretativa do jornalismo científico, que demanda contextualização e empatia.



Além disso, a fronteira entre humano e máquina se revela como um espaço de coautoria e tensão simbólica. Quando a IA auxilia, mas não substitui, há uma ampliação das possibilidades criativas e do repertório técnico do repórter. Contudo, quando ela assume integralmente o processo de escrita, o jornalismo corre o risco de perder sua função social de mediação e interpretação.

Como sintetiza Anderson (2021), a automatização não elimina o humano do jornalismo, mas o desloca para funções de revisão, curadoria e observância ética. Tal constatação recoloca o debate sobre as perspectivas da profissão e da responsabilidade social da Comunicação.

5. Considerações Finais

A fronteira entre o humano e a máquina no jornalismo é, ao mesmo tempo, um território de experimentação e de risco. A IA pode ser aliada na etapa de apuração e redação, mas não substitui a capacidade crítica, o julgamento ético e a sensibilidade narrativa do repórter. O estudo aqui apresentado demonstra que o jornalismo automatizado, quando não mediado por critérios humanos, tende a produzir conteúdos tecnicamente corretos, porém desprovidos de profundidade e singularidade.

Conclui-se que o uso ético e responsável da Inteligência Artificial no jornalismo depende de uma formação crítica capaz de reconhecer o potencial e os limites das tecnologias. Em vez de substituir o repórter, a IA deve ser vista como uma ferramenta complementar, capaz de ampliar o alcance e a diversidade da comunicação científica, desde que orientada por princípios humanos de verdade, empatia e compromisso social.

Referências

ANDERSON, Chris W. **Automation, journalism, and the future of newswork**. Oxford: Oxford University Press, 2021.



CANAVILHAS, João. **Jornalismo automatizado: o impacto da IA nas rotinas produtivas**. Lisboa: Livros Horizonte, 2023.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LEITE, Francisco. Inteligência artificial e ética jornalística. **Revista Comunicação & Sociedade**, v. 45, n. 2, 2023.

NAPOLI, Philip M. **Social Media and the Public Interest: Media Regulation in the Disinformation Age**. New York: Columbia University Press, 2019.

SAAD, Elizabeth. **Jornalismo digital e inovação: transformações no ecossistema informativo**. São Paulo: ECA/USP, 2022.